

GAGARIN, ADEUS AO PIONEIRO DO ESPACO

BA 4N, P10 X9, O. ESI, ACL. 4/18, p. 20

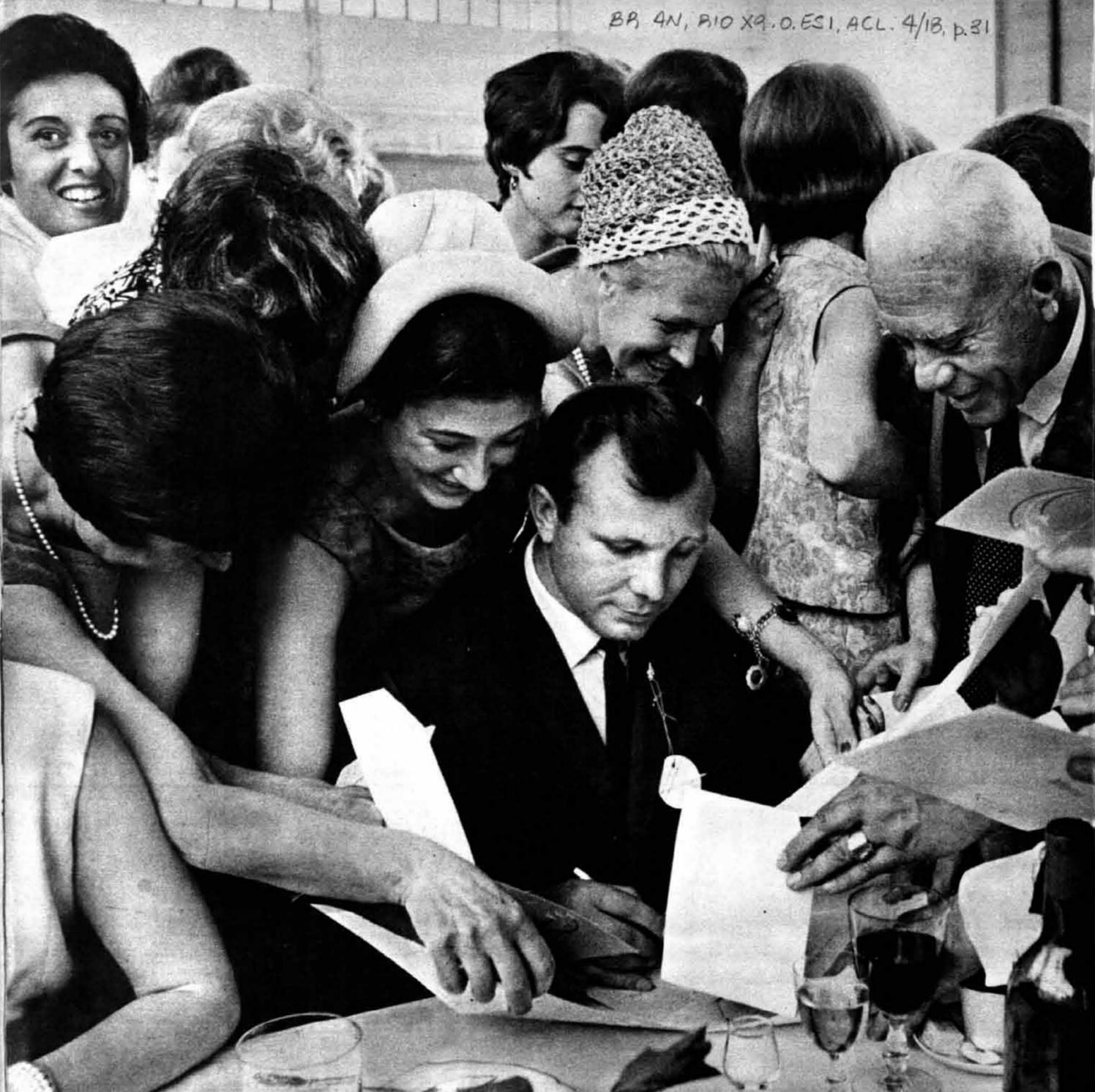


BA 4N, P10 X9, O. ESI, ACL. 4/18, p. 30



Os mais altos dirigentes soviéticos, entre os quais Brejnev, Kossiguin e Podgorny, constituíram a guarda de honra do astronauta pioneiro Yuri Gagarin, morto num desastre aéreo, na semana passada, nos arredores da cidade de Vladimir, próximo a Moscou. Durante vários dias, centenas de milhares de moscovitas visitaram a câmara funerària nos salões do Kremlin. Depois, suas cinzas foram transportadas para a Praça Vermelha e depositadas ao lado do túmulo de Lênin.

Fotos Novosti, Dalmas e AP



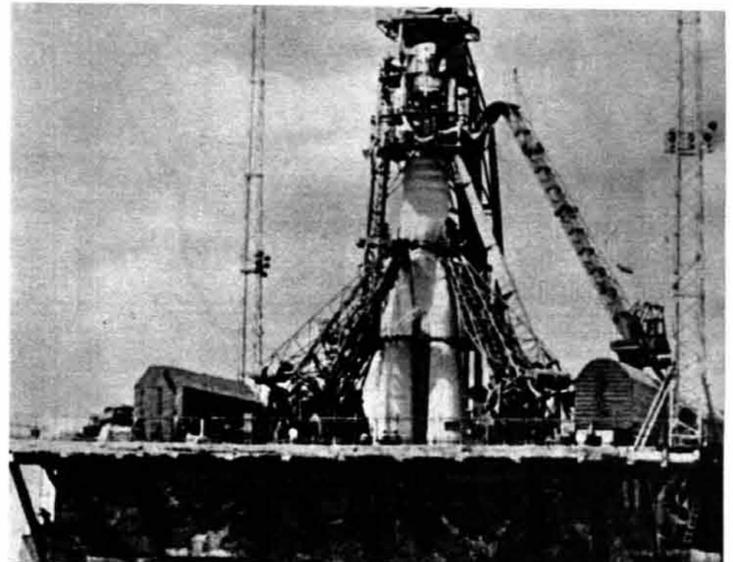
Depois do vôo espacial, Gagarin ficou famoso. Mas alguns anos antes (embaixo, à direita) era um simples piloto de provas nos Urais.

Gagarin morreu sem realizar o seu maior sonho: percorrer, com outros astronautas, a rota Lua - Vênus - Marte

Moscou, 12 de abril de 1961: num ponto qualquer do território soviético, por volta de meio-dia, são captadas as primeiras palavras que um homem envia do Cosmos: "A Terra é azul! A Terra é azul!"
Brasília, 29 de junho de 1961, cerca de 6 horas da tarde. Yuri Gagarin, o primeiro homem a tripular uma nave espacial, é recebido como convidado especial do governo brasileiro. Suas primeiras palavras: "Brasília é a mais bela cidade que já vi."
Tôrre de Controle do aeroporto militar de Chkalovsky, 27 de março de 1968, 8 horas e 46 minutos da manhã. Um aparelho de treinamento, provavelmente um Mig-21 aperfeiçoado, espantava-se próximo à localidade de Vladimir. Seu piloto era o célebre astronauta, herói da União Soviética, Coronel Yuri Gagarin. Suas últimas palavras: "Camaradas, estou caindo!"
Moscou, manhã do dia 30 de março de 1968. Depois de suas cinzas terem sido colocadas num nicho de 30 centímetros quadrados, nas muralhas do Kremlin, fêz-se silêncio total, seguindo-se uma salva de artilharia. Era a derradeira homenagem ao piloto da Vostok.



Os candidatos a cosmonauta são familiarizados com os foguetes interplanetários.



A nave cósmica Vostok-1 prepara-se para decolar, levando no seu interior Gagarin.



Yuri Gagarin despede-se de seus companheiros, minutos antes de partir para o Cosmos.



GANHE 50% DO SEU IMPÔSTO DE RENDA



VANTAGENS
DE SEU
NÓVO NEGÓCIO
NA AMAZÔNIA!

ISENÇÃO TOTAL DO IMPÔSTO DE RENDA até 1982 inclusive para os empreendimentos que se instalarem até 1971.

ISENÇÃO TOTAL DE IMPOSTOS E TAXAS FEDERAIS com relação à correção do registro contábil do valor dos bens de seu ativo imobilizado e ao correspondente aumento de capital com recursos provenientes de reservas ou lucros suspensos. ISENÇÃO DO IMPÔSTO DE EXPORTAÇÃO, com a possível inclusão de seu produto na lista de mercadorias do Conselho Monetário Nacional, por sugestão da Sudam. ISENÇÃO DE QUAISQUER IMPOSTOS OU TAXAS DE IMPORTAÇÃO de máquinas e equipamentos mesmo os cobrados por órgãos de administração indireta.

DISPENSA do recolhimento ou depósito de qualquer natureza na compra de câmbio para a importação de máquinas ou equipamentos considerados prioritários pela Sudam.

DISPENSA do depósito de 10% do capital, previsto pela Lei das Sociedades Anônimas, para as pessoas jurídicas em formação.

Examine as diversas oportunidades de negócios que estão à sua espera na Amazônia. Peça-nos pessoalmente ou pelo Corraio, em qualquer uma de nossas agências, a brochura "Investimentos Privilegiados na Amazônia" e decida em que atividade econômica aplicar seu imposto de renda!

aplicando na

AMAZÔNIA

BANCO DA AMAZÔNIA S.A.

Matriz: Travessa Frutuoso Guimarães, 90 - Belém - São Paulo - Rua José Bonifácio, 192 - Fones: 36-2336 - 32-6332 - 36-2978 - Rio de Janeiro - Rua da Assembleia, 62 - Fones: 31-3192 - 31-1550 - Porto Alegre - Rua Borges de Medeiros, 646 - Fone: 5415 - Goiânia - Av. Anhangüera, 103 - Fones: 6-3170 - 6-3171 - Brasília - Avenida W-3 - Quadra 13 - Lotes 7, 8, 9-A - Fones: 2-3580 e 2-3581

Filho de modesto marceneiro, a embriaguez do espaço e as solicitações da fama não fizeram o moço Yuri Gagarin renegar sua origem humilde, nem lhe tiraram os pés da Terra



A viúva do Coronel Sereguin, falecido no mesmo acidente, é confortada

Yuri Gagarin morreu voando. A mesma voz que sete anos antes revelara ao mundo que a Terra era azulada e muito bonita, quando vista do espaço, reconheceu que o Mig acidentado não mais poderia ser salvo. Ao seu lado morreu o engenheiro-comandante de uma unidade da Aviação russa, Coronel Sereguin. Não se sabe, ao certo, quem pilotava o aparelho no momento do desastre, mas o fato é que o uso de pára-quedas não foi sequer tentado. Depois da mensagem desesperada de Gagarin, a torre de controle perdeu contato com o aparelho, embora ele ainda fosse visível nas telas do radar. Imediatamente partiram helicópteros que não tardaram a avistar os restos do Mig num bosque, a 17 quilômetros de Vladimir. O avião, que voava a quatro mil metros de altitude, caiu quase na vertical, com um ângulo de inclinação de 70 graus. Mas as causas do acidente ainda não foram totalmente esclarecidas.

Yuri Gagarin foi o primeiro homem a realizar o mais desejado sonho de todos os tempos: sair da Terra e a ela voltar no momento desejado, com aparelhos adequados e totalmente sob controle. O primeiro voo tripulado ao espaço ocorreu nas primeiras horas da manhã daquele 12 de abril. O foguete portador do satélite Oriente (Vostok, em russo) era lançado de uma base desconhecida. Vinte minutos depois a astronave entrava em órbita. Durante todo o voo, o comportamento de Gagarin e o funcionamento de todos os aparelhos de registro de bordo foram cuidadosamente observados através de sistemas telemétricos de rádio e televisão.

Ao descer da nave, excitado, com os olhos brilhantes, o astronauta de 27 anos dizia a todos que o rodeavam: "A vista do horizonte é única e formosíssima. É possível ver as mudanças deste notável colorido, desde a clara superfície da Terra, ao firmamento inteiramente escuro, onde se avistam as estrelas. Esta linha divisória é muito estreita, como se fosse uma espécie de fita de celulóide que cerca a esfera terrestre. É de cor azul-clara, muito suave e formosa. Mas quando aparece a sombra da Terra, surge no horizonte uma franja alaranjada, que passa para o preto absoluto." Esta impressão, cuja força poética encantou os povos de todo o mundo, foi trazida por Yuri Alexeyevitch Gagarin, que em 1 hora, 48 minutos e 1 segundo realizou uma volta completa em torno da Terra, num voo cujo perigo (ponto mais próximo da Terra) foi de 181 quilômetros, e cujo apogeu (ponto mais distante) foi de 327 quilômetros.

Na época, os observadores ocidentais fizeram uma reconstrução de como teria sido o primeiro voo espacial tripulado.



por amigas. Cena que não se repetirá: Gagarin e sua família.



Valentina Gagarin chora a morte do marido.



Ele era um ídolo para as crianças soviéticas.



No Brasil, Gagarin foi recepcionado por Jânio.

De fato, Gagarin vinha sendo submetido à preparação — desde um ano antes do voo — num laboratório experimental de localização desconhecida. As provas físicas e psíquicas eram duríssimas. Um dos testes mais rigorosos consistia em passar vários dias na cabina espacial, em absoluto isolamento. Ali procurava-se reproduzir as condições do voo cósmico: ensaios de aceleração violentíssima, bruscas mudanças de temperaturas, aumento intensivo da força de gravidade. Seu desenvolvimento intelectual também foi intenso. Orientado pelos melhores especialistas soviéticos, Gagarin tornou-se um perito em eletrônica, física, astronáutica e astronomia. Ao fim de tudo, mostrou que era o homem indicado para a grande missão: seu equilíbrio psíquico era perfeito.

Yuri Alexeyevitch Gagarin nasceu a 9 de março de 1934, numa granja coletiva nas proximidades de Smolensk. Seu pai era marceneiro e a mãe — Ana Gagarina — dona-de-casa. Aos sete anos ele começou a frequentar a escola do distrito, mas os nazistas ocuparam a região e seus estudos só começaram após a guerra. De acordo com as biografias oficiais — distribuídas aos milhões na União Soviética — Gagarin foi um bom estudante, concluindo com brilhantismo os estudos secundários em 1951. Ingressou em seguida na Escola Profissional de Liberetsk, não muito longe de Moscou, de onde saiu formado como técnico em fundição. Ambicioso e aplicado, começou a estudar numa escola noturna da juventude comunista, enquanto trabalhava. Desde 1949 passou a ser membro das organizações do Komsomol e no ano seguinte foi admitido no PC. Matriculando-se na Escola Técnica de Saratov, Gagarin continuou a estudar e em 1955 formou-se, com distinção. Daí seguiu para a Escola de Aviação de Orenburg, nos Urais, onde é graduado em 1957. Dotado de aptidões excepcionais, Gagarin é chamado a servir como piloto de provas, na Força Aérea Soviética, e em junho de 1960 ingressa no Partido Comunista. Gagarin era casado com uma médica de 33 anos de idade, de nome Valentina, e deixa duas filhinhas Yelena de 9 anos e Galya de 7 anos.

Yuri Gagarin morreu sem realizar o seu maior sonho: visitar Vênus, ver o que escondem suas nuvens; ver Marte, verificar se tem canais, ou não. Ou, pelo menos, realizar um voo até a Lua. Os homens do futuro não esquecerão os feitos deste jovem sonhador, misto de Júlio Verne e Cristóvão Colombo, que escreveu, no livro intitulado *O Mundo Daqui a 20 Anos*:

"Sem afastar-me das possibilidades da ciência e da técnica, e penetrando ligeiramente no terreno da fantasia, trato de



Gagarin não foi apenas um pioneiro do espaço. Leitor assíduo de Júlio Verne e amante das flores, ele era o mais popular dos astronautas russos.

imaginar como se irão construindo, um após outro, os degraus que conduzirão o homem ao Cosmos. No princípio serão Sputniks da Terra que irão penetrando cada vez mais no espaço sideral, enriquecendo mais e mais nossos conhecimentos do Cosmos. Uma e outra vez mais voarão estes laboratórios na imensidão do espaço para investigar as franjas radiativas de nosso planeta, a atividade do Sol, a vida e o movimento do nosso manto nebuloso.

E chegará o dia em que se estabelecerá contato direto com a Lua. Imagino que descerá na Lua um artefato automático teledirigido, capaz de decolar e realizar um vasto programa de investigações. Essa exploração nos dará a conhecer muitas coisas sobre o passado do nosso próprio planeta. A Lua é uma espécie de museu geológico no qual se conservam amostras de antigas formações análogas às terrestres. Em sua superfície, explorada minuciosamente pelos artefatos telecomandados, descerão foguetes de transporte. O homem, no início, limitar-se-á a voar em torno da Lua. Os foguetes depositarão nela as reservas de tudo que for necessário para a sobrevivência de seres humanos. Depois aparecerá o primeiro grupo de astronautas. Só um grupo bem preparado será capaz de levar a cabo as tarefas de conquista de um lugar que durante o dia atinge temperaturas de 120 graus, e à noite estria até 150 abaixo de zero.

Tenho fé que muito antes de 1981 descerão na Lua o primeiro observatório astronômico e o primeiro espaçoporto para a viagem a Vênus e a Marte. A sexta parte da gravidade da Terra, e além disso a ausência de atmosfera facilitarão em muito o voo a partir da Lua. Nosso voo a Vênus durará muito tempo. E enquanto voamos mentalmente até o planeta-côndelaranja quero também pensar no dia em que as naves cósmicas funcionarão não à base de reação — que provoca a oxidação do combustível — mas à base da energia atômica, termonuclear. Acredito na genial profecia de Konstantin Tsiolkowski: o homem chegará a dominar todo o espaço circunsolar. Meus sonhos, então, serão tidos como demasiado tímidos. Dentro de vinte anos o homem não irá somente à Lua, Vênus e Marte, mas também a Mercúrio, Plutão... Isso acontecerá, sem dúvida. Por enquanto temos de trabalhar, estudar, organizar nossos futuros voos. Que possamos um dia apertar as mãos dos cosmonautas de todos os países, num encontro espacial...

Tenho o grande desejo de estar entre os que empreenderão os primeiros voos da rota Lua—Vênus—Marte..."

a cia. industrial novopan tem o prazer de apresentar o severino



Como o Severino, há milhares de outros operários no Nordeste. Tão inteligentes quanto ele. E com a mesma vontade de aprender. Isto é uma boa prova de que a mão-de-obra nordestina é valiosa.

Não é à toa que o Severino, logo logo, será um dos nossos técnicos em madeira aglomerada e laminados plásticos. A SUDENE tem plena consciência disso. E o Banco do Nordeste do Brasil S.A. também. Tanto que nos apoiaram na instalação de nossa fábrica, no Centro Industrial de Aratu (Bahia). Nós nos orgulhamos do Severino.

mipm propaganda



cia. industrial novopan

ajudando a moldar o futuro
centro industrial de aratu - bahia

O BRASIL EM MANCHETE



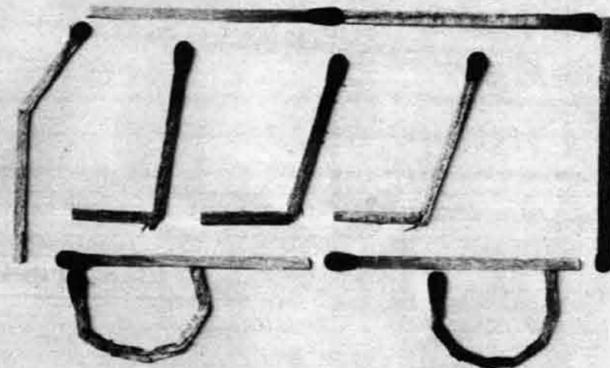
Murilo nos Estados Unidos • Pelo Boeing das Aerolineas Argentinas, que iniciou seus vôos diretos entre o Rio e Nova Iorque, seguiu para os Estados Unidos o jornalista Murilo Melo Filho, diretor-executivo das Empresas Bloch. Além de tratar de problemas referentes à expansão dos nossos serviços naquele país, acompanhará de perto os primeiros passos da sucessão norte-americana, recolhendo material para as reportagens de MANCHETE. Em sua companhia também viajaram os jornalistas Zózimo Barroso do Amaral e Pedro Müller.



Setenta anos de Peregrino • Os amigos do escritor Peregrino Júnior comemoraram com um jantar no Parque Recreio a passagem do 70.º aniversário natalício, comparecendo 300 pessoas, inclusive escritores, médicos, artistas e figuras da sociedade. Entre os oradores, o Sr. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, exaltou o homenageado pela sua ação como diretor da Policlínica-Geral do Rio de Janeiro, entre muitas outras atividades.



Saudades do Internato • Ex-alunos do internato do Colégio Pedro II, formados nos anos de 1940 a 1945, reuniram-se numa churrascaria para comemorar os anos passados, com votos de que ainda haja muitos outros para o futuro. Médicos, advogados, jornalistas, contadores e militares reviveram o clima de quando eram jovens: o jantar começou quase formal, mas no fim eram cantadas as músicas do colégio, enquanto ressurgiram muitos dos apelidos e brincadeiras.



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Mexa os pauzinhos e leve uma tonelada.

Claro que isso é modo de dizer. Porque, para levar uma tonelada na Kombi Volkswagen, o certo é tirar os dois bancos. E depois, v. coloca a carga com mais facilidade ainda, graças às duas grandes portas laterais que a Kombi Volkswagen tem.

Claro que ela não foi feita só para levar uma tonelada.

Até mesmo quando a Kombi

Opcional: agora a Kombi também é encontrada com diferencial travante.

carrega pequenas cargas, v. pode descobrir como ela é econômica.

O segredo é simples: o motor Volkswagen 1.500, de 52 HP,

faz mais quilômetros com menos gasolina.

E só troca 2,5 litros de óleo a cada 2.500 km.

Além disso, como a Kombi tem mecânica

Volkswagen, sua manutenção é muito simples. E por isso, muito econômica.

Depois, quando chega o fim de semana, é só colocar os bancos.

Um gostoso passeio com a família é o melhor meio de aproveitar

as outras vantagens de ter uma Kombi Volkswagen.

E segunda-feira, v. começa tudo de novo.



E só Carolina não viu

— Eu acho que a Carolina do Chico só podia ser assim. Albery Seixas da Cunha apreendeu tão bem o espírito da musa inspiradora de Chico Buarque, que seu trabalho obteve o primeiro lugar no recente concurso que propunha esse tema, instituído por uma galeria de arte carioca. A sua Carolina composta em azul-turquesa, prêto, branco e vermelho não faltaram os olhos tristes (com a dor de todo este mundo), a rosa, o violão e a janela. E uma pose de Gioconda.

Albery, hoje com 23 anos, começou a pintar aos 14 anos, escolhendo o surrealismo por se identificar com essa escola. Ele é autodidata, mas considera a pesquisa como o mais importante na pintura. Sua preocupação básica: criar um estilo individual. Ele gosta de fazer retratos e diz: "Trata-se de uma experiência humana que transcende, que sempre emociona o artista." Assim, Albery tem pintado gente famosa: Odete Lara,

Ibrahim Sued, Eliana Pittman, Skati Chaves, entre outros. Em pauta: o retrato de Marta Rocha. Ele também é bom na decoração de fachadas de butiques, como a Biombo e a Bilboquet, no Rio.

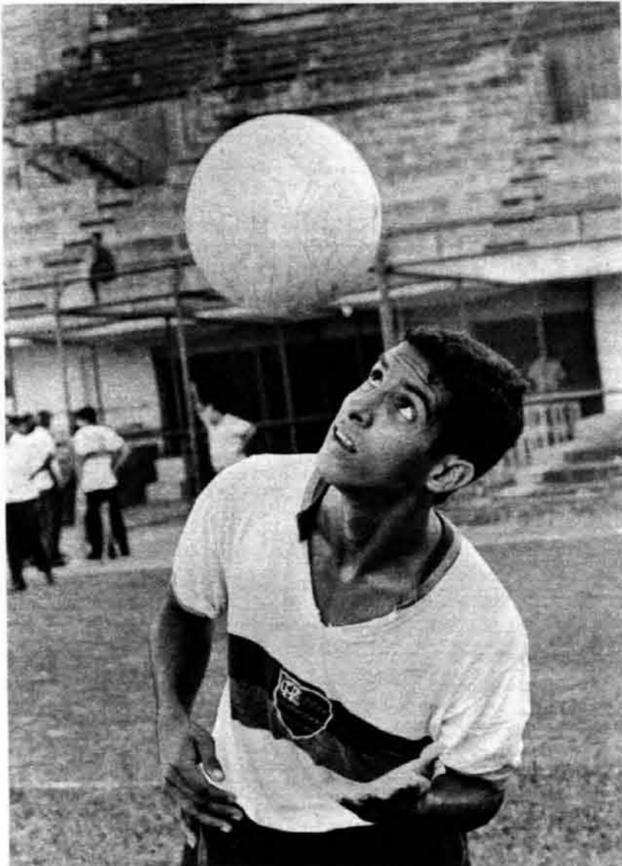
Nascido em Belém do Pará, Albery dedica o dia inteiro à pintura no seu atelier de Copacabana, dá aulas no pré-vestibular da Escola de Belas-Artes (onde estudou Desenho e Artes Gráficas). Nas horas vagas, que são poucas, toca violão e compõe. Agora, ele prepara para o segundo dia de maio uma exposição individual na Galeria Meia-Pataca. Para o futuro mais remoto está programada uma viagem à Europa, seguindo o conselho do gravador Piza, atualmente morando em Paris, onde obtem expressivo sucesso: "Não venha para a França sem antes se realizar no Brasil."

E enquanto persegue essa realização, Albery vai procurando novas musas para suas criações. Que não seja Carolina.

Marisa Raja Gabaglia



Albery Seixas da Cunha



Luis Carlos

Uma revelação no Flamengo

Luis Carlos queria ser professor, mas parou de estudar no quarto ano ginasial por causa do futebol. Não queria vir para o Rio, mas ainda por causa do futebol teve que deixar sua vida tranqüila em Três Irmãos. Em junho, se tudo correr bem, o futebol é bem capaz de levá-lo à Europa, com a seleção brasileira. Com 20 anos, torcedor do Vasco até os 15, sensação no Flamengo, Luis Carlos parece um desses novos ídolos que sabem como pensar e respirar em termos de carreira. João Saldanha já insinuou que ele já se mascarou. Luis Carlos não concorda sob hipótese alguma.

Ele faz a barba só duas vezes por semana, lê Grande Hotel e Ilusão, vai à missa todos os domingos, não fuma, não bebe, não gosta de barulho. Divide um apartamento no Leblon com César e Sapatão (quando puder, compra um só para si) e não tem preocupações, nem mesmo com peso, pois não passa dos 66 quilos. É feliz.

Com poucas certezas (uma delas é que entrar em campo com o pé esquerdo dá azar) e algumas dividas ("jamais poderei pagar ao Paulo Henrique o que ele fez por mim"), transformou-se num bom ponta que, pessoalmente, gosta mais de jogar no meio do campo. Ele se sente confiante e seguro:

— O que me interessa, por enquanto, é fazer força para merecer a seleção brasileira. Eu nem sabia dessa excursão que vai haver agora. Quando soube, decidi: agora sim, é que vou dar duro mesmo... Se pretendo algum dia viver fora do Brasil? Sendo inevitável, só aceito a Itália.

O futebol, para Luis Carlos, tem sido a sua preocupação, mas ele parece absolutamente tranqüilo quanto a outros assuntos. Gosta de tomar banho assobiando, tentou aprender tocar violão, interessa-se pelas notícias dos jornais. Se não puder ir à Europa, não ficará triste. E se um dia tiver que trocar de profissão, vai estudar contabilidade.

Renato Sérgio

Maria Beatriz, a menina-girassol

— O senhor desculpe, mas eu vim aqui ver se o senhor podia ler uns poemas que eu escrevi.

Vinicius olhou a moça parada diante de sua porta, gostou de sua franqueza, do jeito de menina, de seus grandes olhos castanhos. Disse-lhe que entrasse. Leu duas ou três páginas e perguntou à jovem se ela poderia deixar as poesias e voltar no dia seguinte. A seguir, preparou um uisquezinho, sentou-se numa confortável poltrona e saboreou cada verso, do começo ao fim do livro. Depois, entregou à moça o seu veredicto: "Maria Beatriz, seu rosto jovem de 18 anos está marcado pelo martírio da poesia. Seus versos nascem naturais, espontâneos, é quase uma reação orgânica. Em cada frase descubro a inocência sem falsidade, a candura sem problemas. Você é uma menina-girassol num jardim de tristezas."

Com uma carta de Vinicius, ela procurou a Editora Pongetti e não teve dificuldade em publicar seu primeiro livro, Lugar Nenhum, lançado esta semana com prefácio do próprio poeta. Maria Beatriz Farias de Sousa diz que começou a escrever aos 13 anos e que Lugar Nenhum "é o nome que dava aquela fase em que a gente não sabe o que quer, não sabe para onde ir, não está em parte alguma". Ela também já escreveu crônicas, contos e peças de teatro, "inclusive uma que se chama Entêro, mas é uma comédia". Vinicius, que a descobriu, diz: "Os jovens poetas brasileiros parecem mais velhos do que os velhos, são formalistas demais, preocupam-se muito com a forma e se esquecem que tudo é bonito quando é verdadeiro. Beatriz não, ela escreve o que sente, fala das coisas simples, do sol, da vida, da chuva, do sonho, da sombra e, o que é mais importante, do amanhã".

Icy Fernandes



Com Vinicius



Kátia e Tamir; Cynara e Cybele

São os baianos que vêm

Eles venceram o I Festival de Jovens Compositores da Bahia, e uma de suas músicas premiadas, Rancho Para Quem Vem de Fora, gravada por uma dupla também baiana — Cynara e Cybele —, vendeu 12 mil discos na primeira semana. Kátia e Tamir Drumond vieram ver o lançamento, depois voltarão à Bahia, mas no ano que vem esperam morar definitivamente no Rio.

Kátia, pequena e gordinha, faz o último ano na Faculdade de Ciências Sociais, ao mesmo tempo que trabalha num escritório de planejamento econômico montado por ela e Tamir, com mais dois sócios. Tamir é o tipo físico oposto: alto, magro, reservado, estuda Jornalismo, grava em madeira e pinta. Muito importante: Kátia e Tamir são casados, o que tem influído decisivamente na sua carreira musical.

Eles compõem juntos desde que se conheceram. Hoje têm 42 músicas, das quais a última, Um Caso por Acaso, foi feita no Rio.

Além disso, tendo estudado harmonia e análise musical, além de piano e violão, a sua música distingue-se pelo emprego de instrumentos regionais e eruditos. No Rancho há trombone-de-vara, zabumba, reco-reco, caixa e flauta. Em Encontro, modinha que ganhou o 5.º lugar no mesmo festival baiano (além do prêmio para o melhor arranjo), a orquestração emprega um quarteto de flautas e as violas da gamba e d'amore, instrumentos barrocos. Mas o elemento-chave em tôdas é o violão.

Recém-casados, difundindo as suas músicas no meio estudantil e participando de shows universitários, Kátia e Tamir resolveram inscrever-se no Festival só com Encontro; no último minuto co-ocorreu o Rancho Para Quem Vem de Fora. O sucesso, mais o êxito da primeira gravação feita por Cynara e Cybele, animou-os a programar outras oito gravações. O sucesso vem com elas. E eles pretendem vir junto.

Vera Rachel

A melhor de Mar del Plata

(Paris) — Annie Girardot me faz um aceno afirmativo, lá de longe, respondendo à pergunta que eu lhe enviara por intermédio do garçom, na Brasserie Lipp. Pelo mesmo portador, mando-lhe um mini-questionário, ao qual ela responde sem que as demais pessoas sentadas à sua mesa percebam que ela está concedendo uma entrevista. Resumo suas respostas: "Ora, Jean-Paul, você me conhece o bastante para saber que não esnobei o Festival de Mar del Plata. Não fui receber o prêmio de melhor atriz (NR: por seu papel em Viver por Viver, de Lelouch) porque aproveitei uns raros dias de folga para visitar Renato (Salvatori) no México, onde ele filma Les Souvenirs du Souvenir. Na próxima semana começo a filmar o Bando de Bonnot, em Bruxelas. Usarei saias longas, perucas e botas, mas nada de soutien, porque meu personagem era uma anarquista. Depois serei a esposa de Robert Stack



Annie Girardot

em A História de Uma Mulher, onde minha rival será Bibi Andersson e onde enfrentarei, pela primeira vez, o problema de falar em inglês. Na Iugoslávia, a seguir, filmarei Chove na Minha Cidade, sob a direção de Alexander Petrovitch. Satisfeito?"

Jean-Paul Lagarride



HENRIQUE PONGETTI
assistiu, há pouco,
a um filme no qual
aparece a figura de
Sherlock Holmes e diz
que se regalou com a
imagem exibida na tela

O ROSTO

As leituras da adolescência deixam duradouros resíduos. Nunca pude me livrar de Sherlock Holmes. Implacável carrapicho cerebral! Vieram detectives como Maigret, agentes como James Bond, uma chusma de outros dotados de poderes divinatórios ou de armas inimagináveis: permaneceu sólidamente instalado na minha memória.

Conan Doyle teve a habilidade de traçar-lhe um retrato físico e espiritual muito minucioso: o retrato desenhado que acompanhava os fascículos correspondia exatamente ao descrito. Quando no cinema aparece um Sherlock Holmes com outra cara e outro temperamento quase protesto contra a falsificação e exijo o meu dinheiro de volta.

Os romancistas modernos, tão sumários na caracterização dos seus personagens, deveriam mirar-se nesse espelho. Não se pode deixar aos leitores o trabalho de dar um roste ao herói, seguindo mais ou menos o método de ditar os pormenores fisionômicos como nos retratos verbais da polícia moderna, conhecidos como o *identikit*.

Nesse caso o formato do bigode é tão importante como a localização da verruga. Em homenagem ao poder retentivo dos vossos leitores

adolescentes, caprichai na foto, ó ficcionistas!

A semana passada fui ao meu cineminha serrano e vi mais uma versão de *Jack, o Estripador*, com Sherlock Holmes. O tipo do imortal detective amador era perfeito, o mais perfeito dos inúmeros vistos por mim. Magro, nervoso, vibrátil, talvez se tornando um pouco *snoob* quando queria ser apenas invulgar.

Já o Dr. Watson, de cabelos ruivos, olhos azuis de uma placidez bovina, e bochechas de um vermelhoro-bife, me pareceu um tanto falsificado. Tinha às vezes expressões de uma imbecilidade bem vitaminada e feliz, ameaçava reduzir o par de policiais científicos a uma dupla de cômicos baseada no contraste físico tipo o Gordo e o Magro.

Holmes apareceu com o boné e o casaco de capinha xadrez, fumou cachimbo, tocou violino, fêz tudo quanto nossa memória queria rever, viva e saudosa, além de caracterizar-se de mendigo velho e de botar casaca.

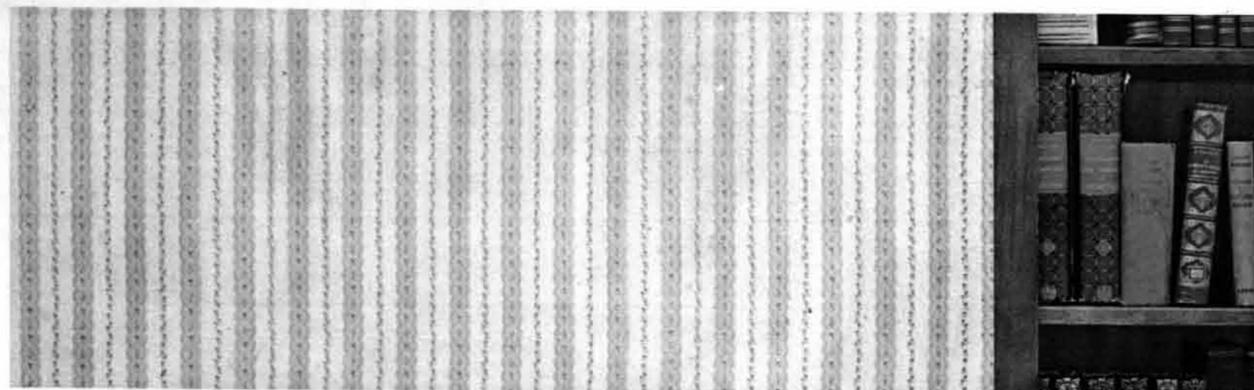
Regalei-me na escuridão. Eu que, ao chegar a Londres, antes de ver a mudança de guarda diante do palácio de Buckingham, fui a Baker Street ver se descobria a casa onde meu herói desfiara a meada de tantos crimes

e espiralara o fumo de tantas cachimbadas introspectivas.

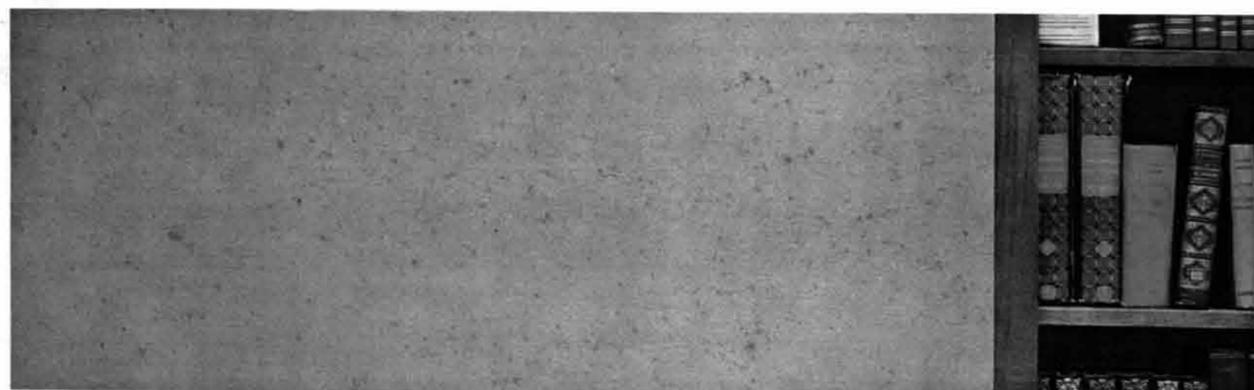
Decepçionei-me, porém, com o método dedutivo. Superado, meus amigos, superado. Imaginem se é ainda possível concluir, hoje, que Lacerda voltou de uma visita a Jânio só porque, ao chegar, meteu um *no que concerne* na conversa com os jornalistas. Ou que voltou a encontrar-se com Jango porque ao descer no aeroporto pediu logo mate gelado, e no seu sapato havia terra, terra de fazenda, e de fazenda uruguaia. Envelheceu o meu herói; minha adolescência rediviva o reconhece, se entristece, se compadece.

Também me pareceu obsoleto quando lhe deram um chapéu-côco e desandou a tirar conclusões da sumária análise da copa e das abas. Disse cá comigo mesmo: "Não lhe dêem o *soutien!* Pelo amor de Deus não lho dêem!" De *soutien* debaixo dos olhos terríveis nos arrastaria com sua capacidade de ver no invisível:

— Tem scios pequenos, é de sexo feminino; poderá ligar-se a um homem se não estiver ligada; ligando-se, poderá ter um filho; o filho poderá ser uma filha, e tudo me leva a crer que, se essa filha se casar e tiver uma filha, teremos configurado o caso da vovózinha.



o escritório do meu avô.



o escritório do meu pai.



o meu escritório.

DURAPLAC

(a melhor divisão - o melhor lambris)

orgulho e produto da DURATEX S.A.

Fotos de Walter Firmo e Gervásio Batista

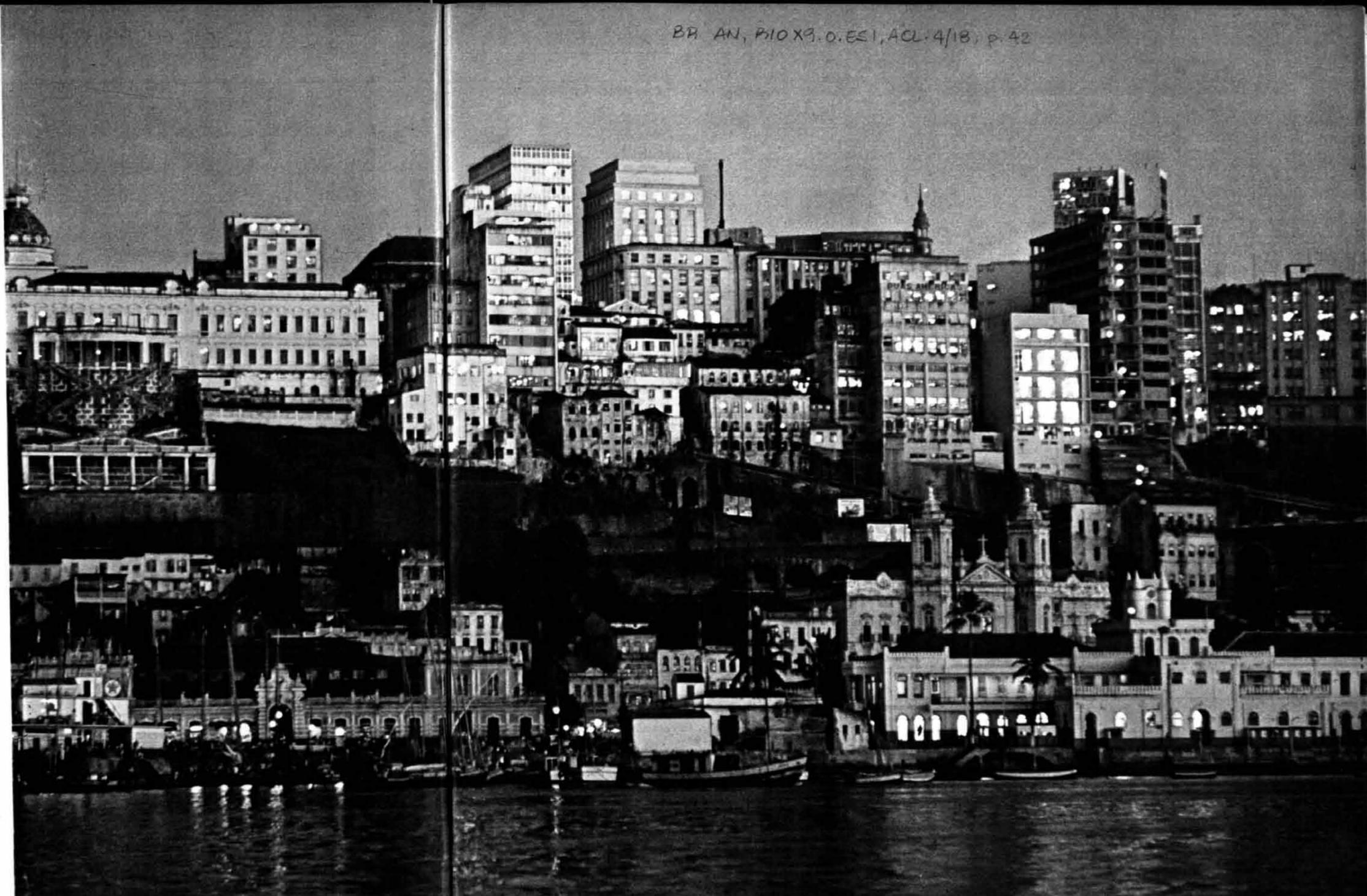
Essa é a minha cidade, e em tôdas as muitas cidades que andei, eu a revi num detalhe de beleza. Nenhuma assim, tão densa e oleosa. Nenhuma assim, para viver. Nela quero morrer, quando chegar o dia. Para sentir a brisa que vem do mar, ouvir à noite os atabaques e as canções dos marinheiros. A Cidade da Bahia, plantada sôbre a montanha, penetrada de mar.

escreve **JORGE AMADO**

CANTO DE AMOR À BAHIA



Casas, cujas fachadas simples dão para as ladeiras, descem o morro numa sucessão de andares para baixo. Eis o passado.



A noite o silêncio povoa a cidade baixa. Ela dorme pelo cais, pelas casas comerciais

fechadas, pelos bancos sem movimento, nos casarões e nos saveiros de vela arriada. A cidade alta movimenta-se para os cinemas, para as festas, as visitas.

Não há cidade como essa, por mais que a procureis nos caminhos do mundo

Escorre o mistério sobre a cidade como um óleo. Pegajoso, todos o sentem. De onde ele vem? Ninguém o pode localizar perfeitamente. Virá do baticum dos candomblés nas noites de macumba? Dos feitiços pelas ruas nas manhãs de leiteiros e padeiros? Das velas dos saveiros no cais do Mercado? Dos Capitães da Areia, aventureiros de onze anos de idade? Das inúmeras igrejas antigas? Dos azulejos, dos sobradões, dos negros risinhos? De onde vem esse mistério que cerca e sombreia a Cidade da Bahia?



Salvador, para o povo, se chama Cidade da Bahia



Santo Antônio Além do Carmo é uma das partes mais antigas, colocada no alto, e se levanta do verde recortando-se contra o céu.



Na cidade baixa, do comércio agitado e típico, há ruas que são becos sombreados e estreitos, nos quais só se pode andar a pé.



O marinheiro é uma presença, constante, incorporado à paisagem local. E o dique de Tororó (embaixo), cheio de baronessas, está cercado de obras.



BR 4A1, RIO X9. O.ESI, ACL. 4/18, p. 44

A cidade baixa e a cidade alta se completam, no entanto, e seria difícil explicar de qual das duas provém o mistério que envolve a Bahia. Porque o sentires tanto na cidade baixa como na alta, pela manhã ou pela noite, no silêncio do cais ou nos ruidos da gente da Baixa dos Sapateiros. Não tenteis nunca explicar o mistério dessa cidade. É segredo que ninguém sabe, chega talvez do seu passado na sombra do forte velho sobre o mar, chega talvez do seu povo misturado e alegre, talvez do mar onde reina linsã, talvez da montanha coberta de verde e salpicada de casas. É certo que o sentires. Ele rola sobre a Bahia, é como um óleo que vos envolverá desde o primeiro momento. Não a tenteis explicar. Basta que a ameis como ela merece.

No Mercado sabereis das festas populares, dos candomblés que baterão nesta noite, das viagens dos saveiros, ali encontrareis as mais belas negras vendedoras da Bahia fritando acarajés

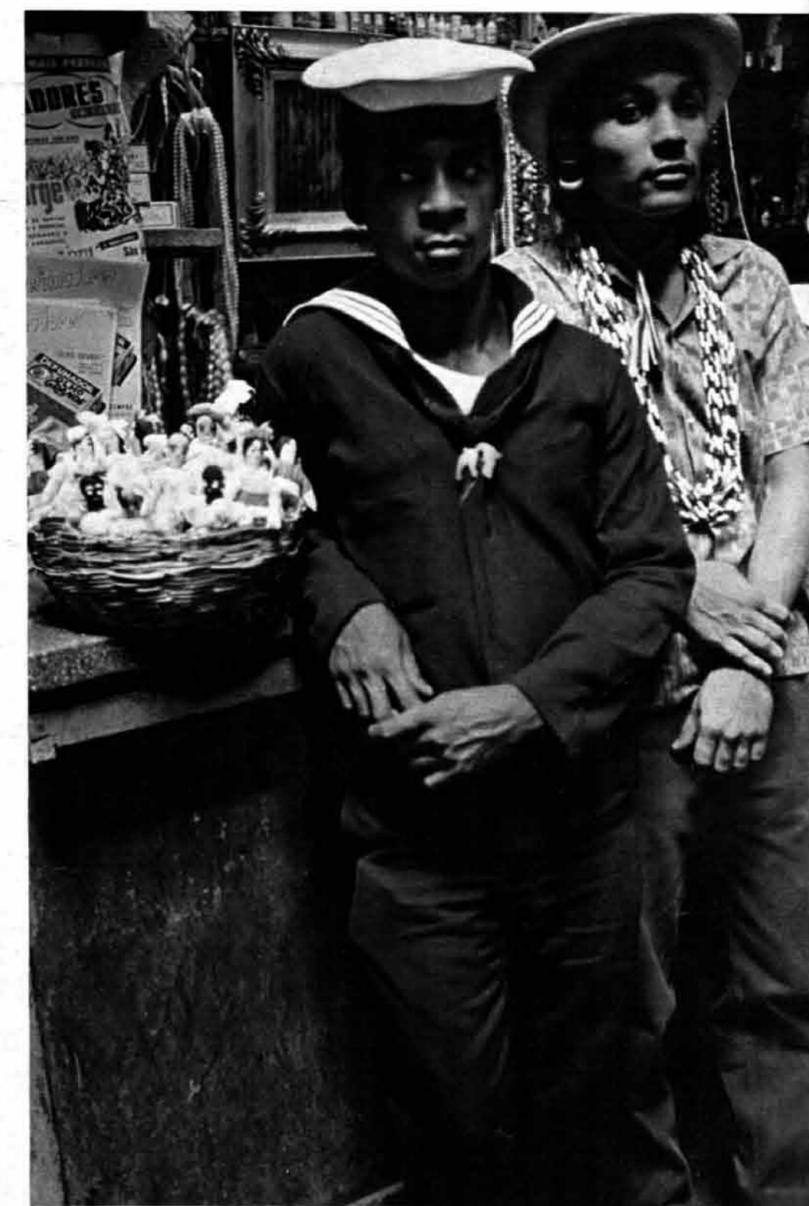
Este é Camateu de Oxóssi, talvez o mais famoso tocador de berimbau e capoeirista de hoje em Salvador. Durante o dia éle cuida da sua bar.



...raca no Mercado Modêlo, onde só vende amuletos e fetiches para macumba.



O Mercado Modêlo é um mundo. Em frente ao cais de saveiros, o Cais Cairu, um casarão sem gôsto e enorme. Por trás fica o Elevador Lacerda. Na rampa do cais as frutas baianas são vendidas, enchendo o chão, em cêstos que chegaram nos saveiros. Todo um lado é dedicado ao peixe. Mariscos de variadas qualidades, camarões e lagostas, ar-raias e polvos, cação e garoupa. Do outro lado a carne-sêca e a de sol, a carula de fumeiro, os miúdos de porco. Tem tudo que um mercado costuma ter. Mas tem muito mais também. Onde, senão no Mercado Modêlo, podereis comprar as figas que vos livrarão de todo mal, as bonecas baianas que são recordação indispensável de passagem ou de uma estada na cidade, os fetiches para os candomblés, as ervas necessárias para os feitiços fortes, as rédes magníficas, as cestas trançadas, os panos de costa, os búzios para as roupas de santo?



A população do Mercado Modêlo não se confunde com nenhuma outra, seus interesses são próprios, dominados pelas crenças dos negros.

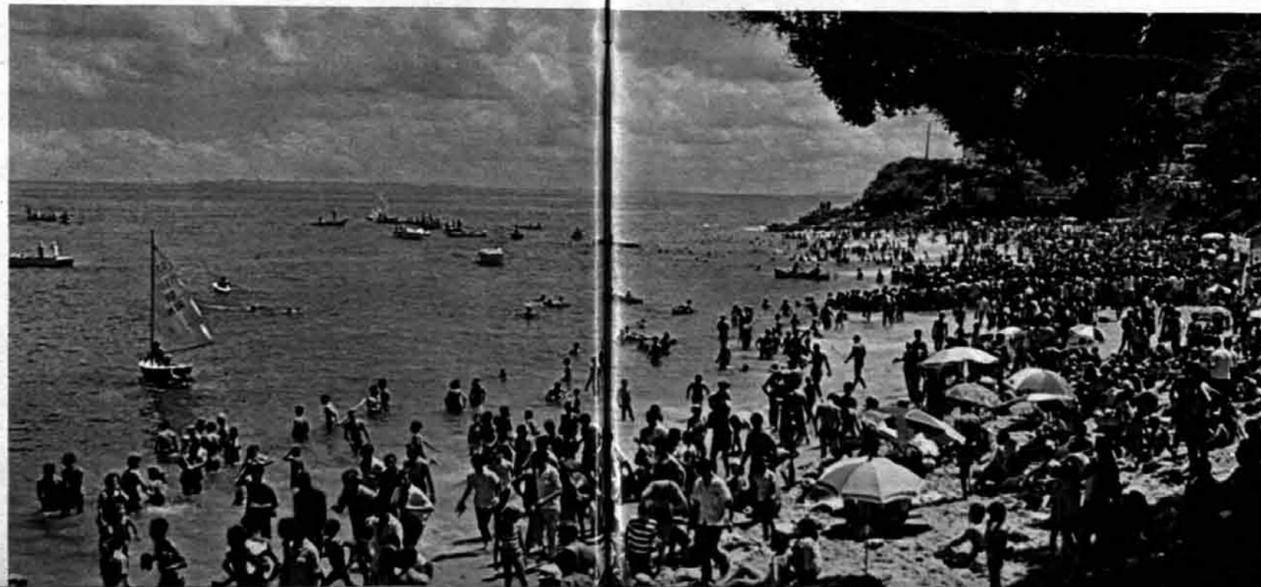
**Barra, Farol,
Amaralina, Pituba,
Xêga-Nêgo, Platã,
Itapoã - as praias
são mais de dez**



A mistura de sangue é muito grande e em sua consciência pouca gente poderá negar o avô negro mais ou menos remoto. A influência do negro sente-se em toda parte. Não apenas no aspecto físico da cidade, mas na sua vida.



As praias, invariavelmente bonitas, atraem multidões nos fins de semana ensolarados. Há toda uma literatura em torno delas, em prosa e verso. E pelo menos uma já é universal, Itapoã, graças à música de Dorival Calmi.



Sempre que penso no mulato baiano vejo um homem gordo. Gordo não apenas fisicamente. Como caráter também: bom, amável, glutão, sensual, agudo de inteligência, bem-falante mas de fala mansa, sabendo tratar tão bem os inferiores como os superiores, ou melhor ainda. Comendo comida gordurosa, mas apimentada também. Assim é o homem da Cidade da Bahia, um pouco derramado e um pouco distraído. Um pouco poeta, poder-se-ia dizer, mas também astutamente político, o mais hábil político do Brasil.

Nenhuma outra cidade do Brasil se mantém nesse equilíbrio espiritual que exige dos homens uma constante vigilância para não cair num conservadorismo reacionário ou num anarquismo inconstrutivo. Ao lado da vetusta catedral está a Faculdade de Medicina, onde os estudantes abrem cadáveres para buscar a explicação da vida. Já há algum tempo que as macumbas deixaram de ser apenas uma constante religiosa dos negros querendo conservar alguma coisa da sua cultura própria. São hoje também tema e material de estudos de jovens sábios que conservam viva a memória do grande Nina Rodrigues.



Em Amaralina a baiana trabalha junto ao seu tabuleiro, enquanto o freguês não vem.



E estão sempre sorridentes, tôdas elas. O bom-humor aqui faz parte do negócio.



No tabuleiro da baiana pode-se encontrar de tudo, uma síntese da cozinha refinada, porque difícil de executar, e que só não tem admiradores entre

BR. AN, P.10 X9. D. ESI, ACL. 4/18, p.49

A cozinha baiana tem sutilezas fundamentais. O vatapá, por exemplo, é servido na panela de barro

É trabalhosa e difícil esta cozinha afro-baiana que marca tão agudamente a nação da Bahia. Temos uma cozinha nossa, chegada da África com os negros, misturada aqui pelos portugueses. Comidas com sonoros nomes africanos e um sabor peculiar de azeite-de-dendê e pimenta. Eis aí, mais o leite-de-côco, os três elementos que dão personalidade própria à nossa cozinha. Esse azeite amarelo de côco-de-dendê, essencial para grande parte dos pratos baianos, a pi-

menta-malagueta ou de cheiro que se mistura à totalidade das receitas e é servida em mólho separado, porque existem baianos que gostam de muita pimenta na comida e aqueles que só sabem comer com muita pimenta e mais alguma, o leite-de-côco para as moquecas, para o cuscuz, requintado o sabor da comida baiana. Outros ingredientes podem ser substituídos. O caruru devia ser feito com as folhas do caruru. Hoje o melhor caruru é feito com quiabos. Mas, como substi-

os que ainda não puderam prová-la. Ou então entre os que não conheceram os pratos autênticos.

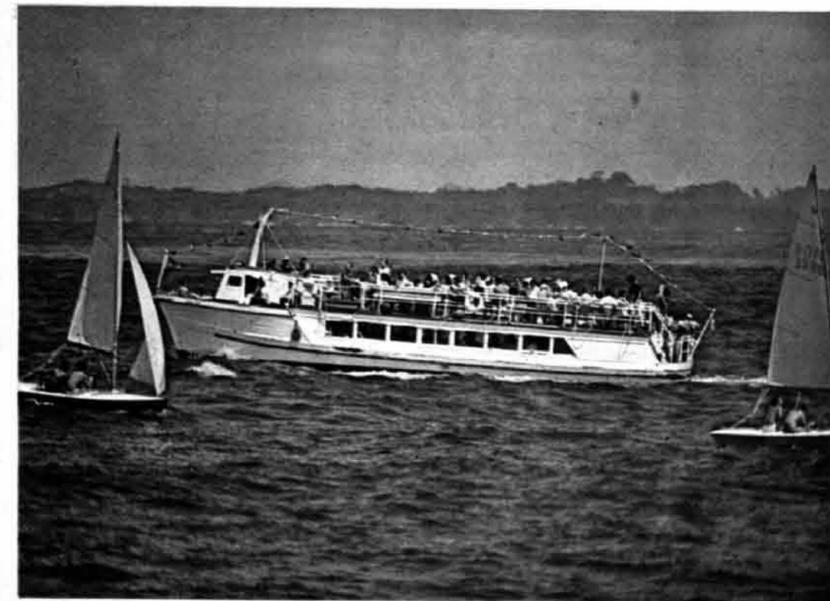
tuir o azeite-de-dendê? Confesso humildemente que não creio na eficácia das receitas para nenhuma dona de casa. O difícil não está no que se deve misturar para conseguir o prato saboroso. Mas, sim, na própria mistura, em conseguir alguém apoderar-se dessa ciência que cada vez está mais circunscrita a um restrito número de negros e mulatos e de donas de casa. Mesmo na Bahia, nos dias de hoje, não é em toda parte que se pode comer um efó realmente gostoso, um

xinxim de galinha com tôdas as regras da arte. Mesmo entre as baianas vendedoras de doces em tabuleiros nas ruas já não é geral a boa cocada ou o manué perfeito. Nas casas de família dia a dia vão rareando os pratos baianos característicos, não porque a memória das receitas se tenha perdido, mas porque já não existem em grande número aquelas cozinheiras capazes de interpretar fielmente o espírito destas receitas. Mas que cozinha: vatapá, caruru, efó, arroz de haussá, acarajé, abará, frigideiras — sublime.



Este é, talvez, o ponto mais belo de se ver na Bahia — o Farol da Barra com sua praia

Existem na Barra dois recantos admiráveis. Um é o Forte de Santo Antônio, no pôrto do mesmo nome. É um forte velho, abandonado, o primeiro que se levantou na Bahia. Data de 1536. Um pequeno pôrto com uma feira aos sábados e nas manhãs de domingo, os saveiros repousando, tudo isto ao lado de uma minúscula praia concorridíssima, onde os corpos das grã-finas se exibem aos olhos espantados e cobiçosos dos mestres de saveiro. Uma vela azul corta o mar verde, esplêndido. Os grandes navios passam ao longe, vê-se a fumaça que eles lançam. Baianas vendem doces. O forte é belo, entrando pelo mar, sentinela da barra nos tempos antigos. Mais adiante está o farol, ante a praia maravilhosa. Vale a pena demorar os olhos nessa beleza em tórno.



O bateau-mouche é uma inovação turística recente, que permite ao visitante contemplar a cidade do oceano e ver bem de perto como trabalham e vivem os homens do mar.

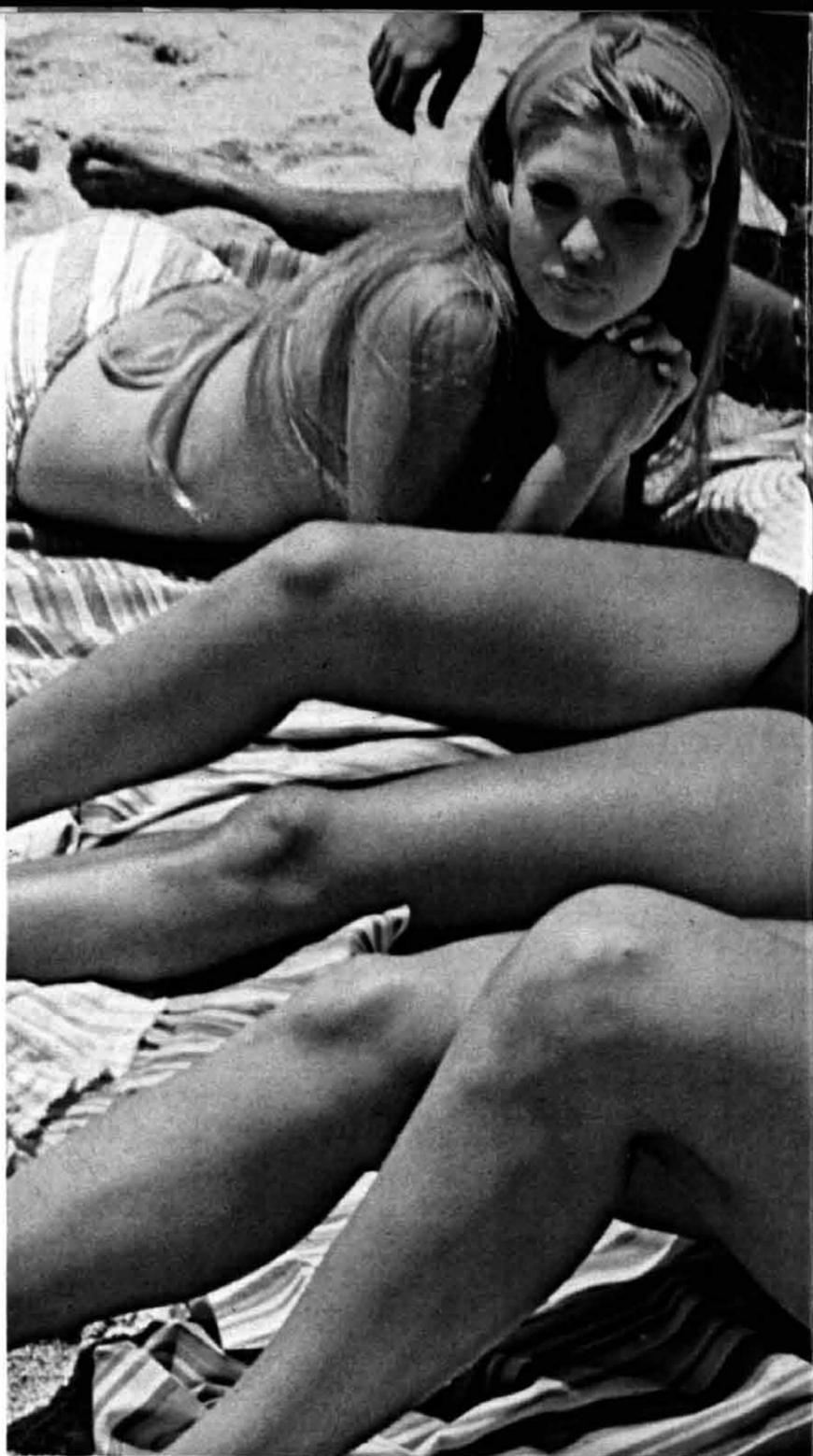


Os saveiros, porém, continuam soberanos no mar da Bahia, nos seus diversos tipos e tamanhos, entregues à pesca ou incorporados à realidade que faz as lendas.

Tanto faz serem louras ou morenas, tôdas têm a graça da baiana, famosa no mundo inteiro e muito mais em todo o Brasil.



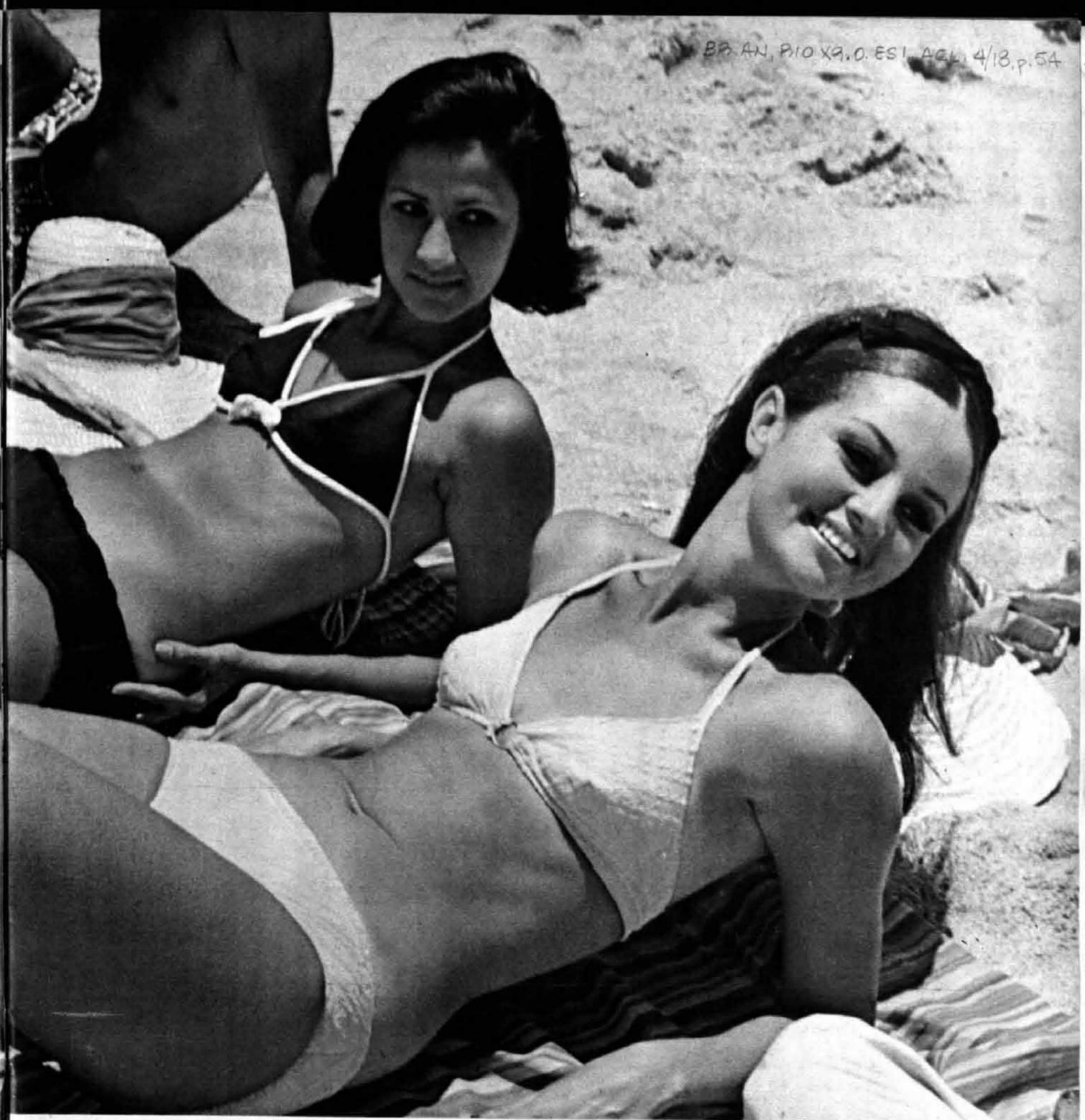
Elas recebem do sol aquela côr inconfundível, que para muita gente só se consegue freqüentando as praias da Bahia.



O mito da beleza baiana surgiu quando Marta Rocha foi eleita Miss Brasil. Para quem quiser pes-

No espetáculo das jovens na praia se concentra tôda a beleza da terra baiana

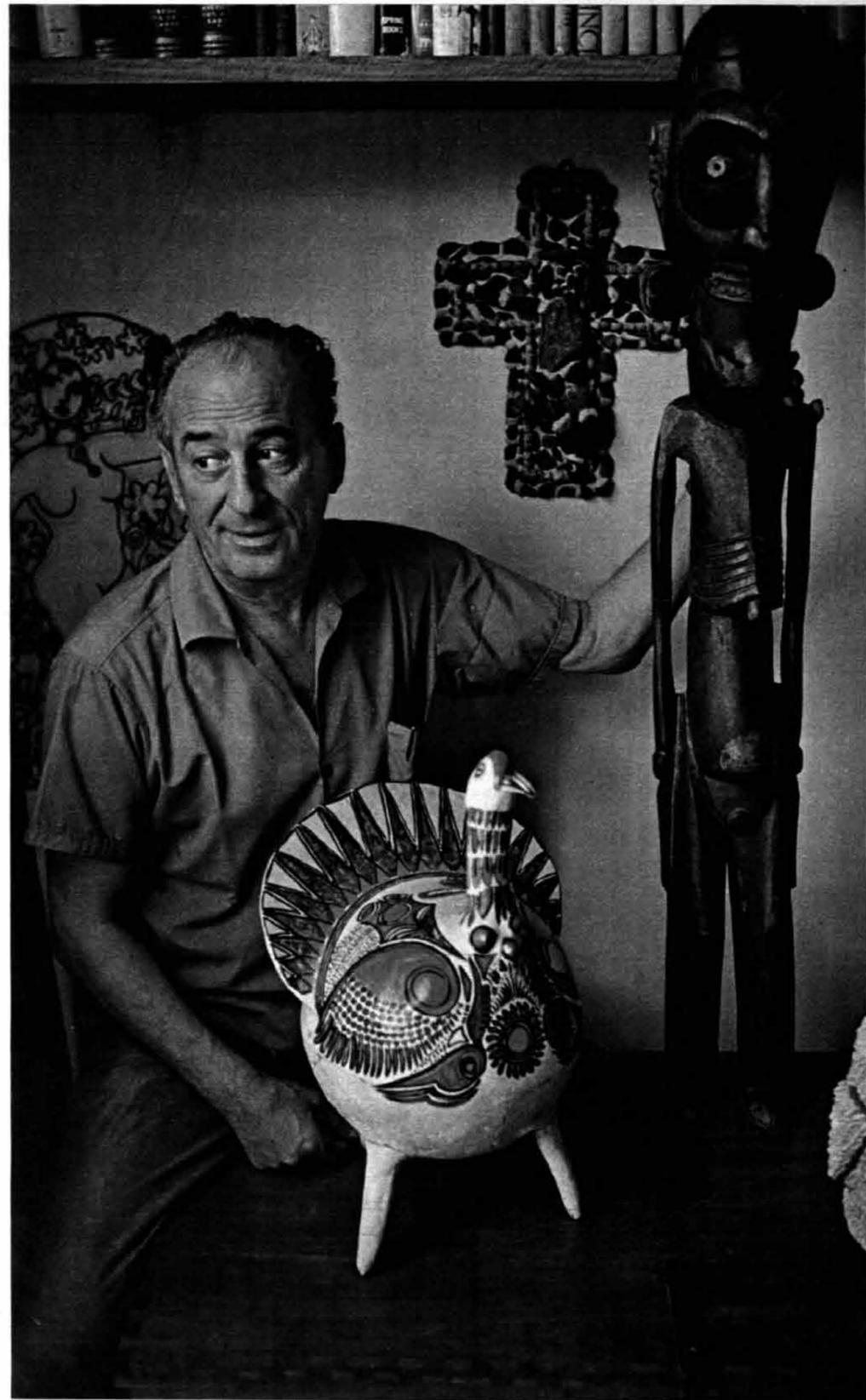
Afastada da cidade, adiante de Amaralina e Pituba, vai-se a Itapoã de automóvel. Por ali passa uma das estradas de rodagem que conduzem ao Aeroporto 2 de Julho. A praia é a mais bela que a cidade possui, fora da barra, o seu farol iluminando o caminho dos navios. Beleza selvagem, ainda não maculada com as casas tão sem gôsto com que os ricos estragam as paisagens mais formosas. Apenas cabanas de pescadores e coqueiros que o vento balança contornam a praia de Itapoã, onde se elevam rochedos e onde se gasta ao tempo o casco de um navio naufragado. Aos domingos, grupos saem da cidade para passar o dia em Itapoã, um dos passeios mais agradáveis da Bahia.



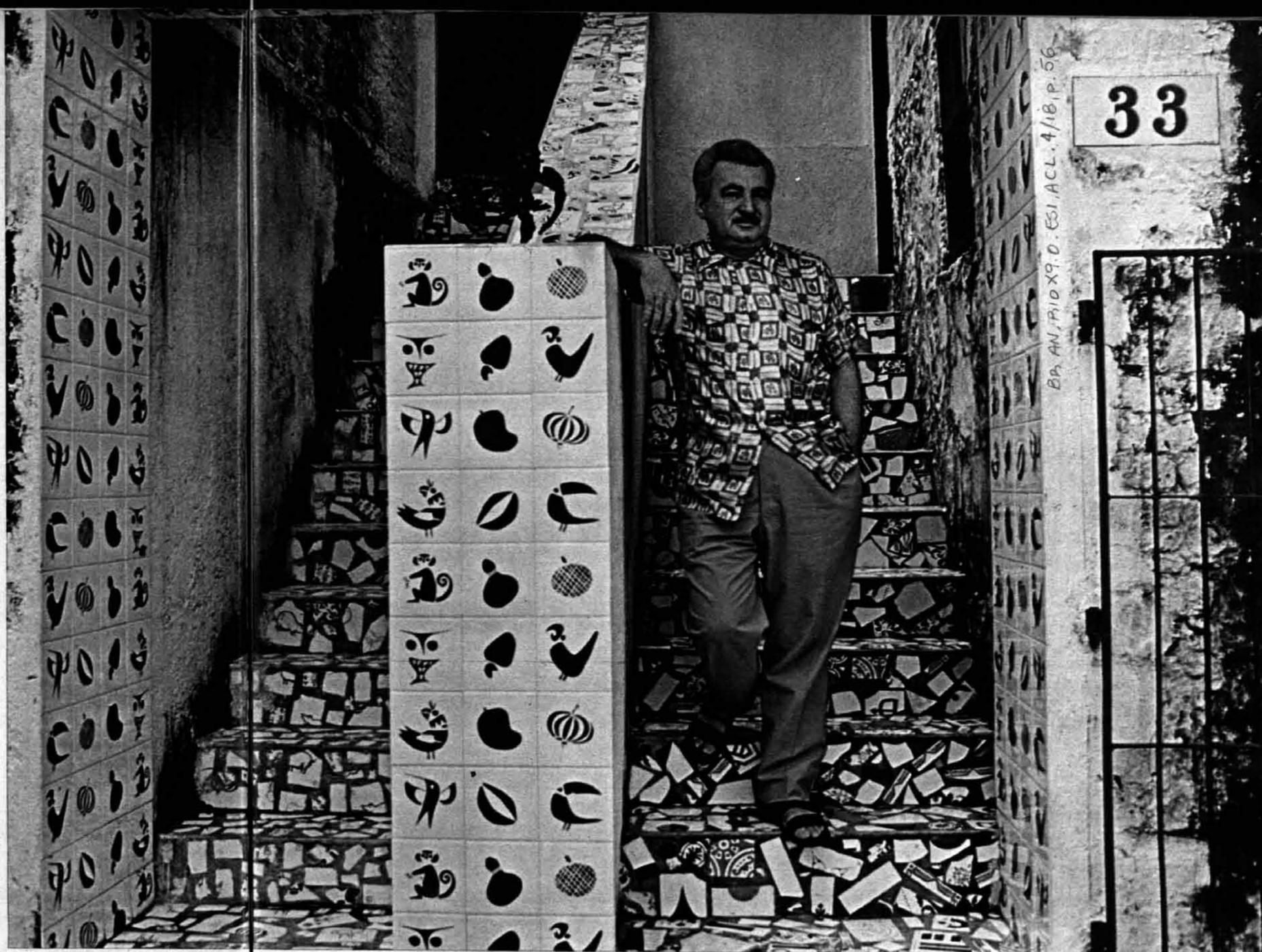
quisar, no entanto, esta virtude vem sendo celebrada há muito mais tempo. E para quem não acreditar, é simples, basta ir lá e ver.



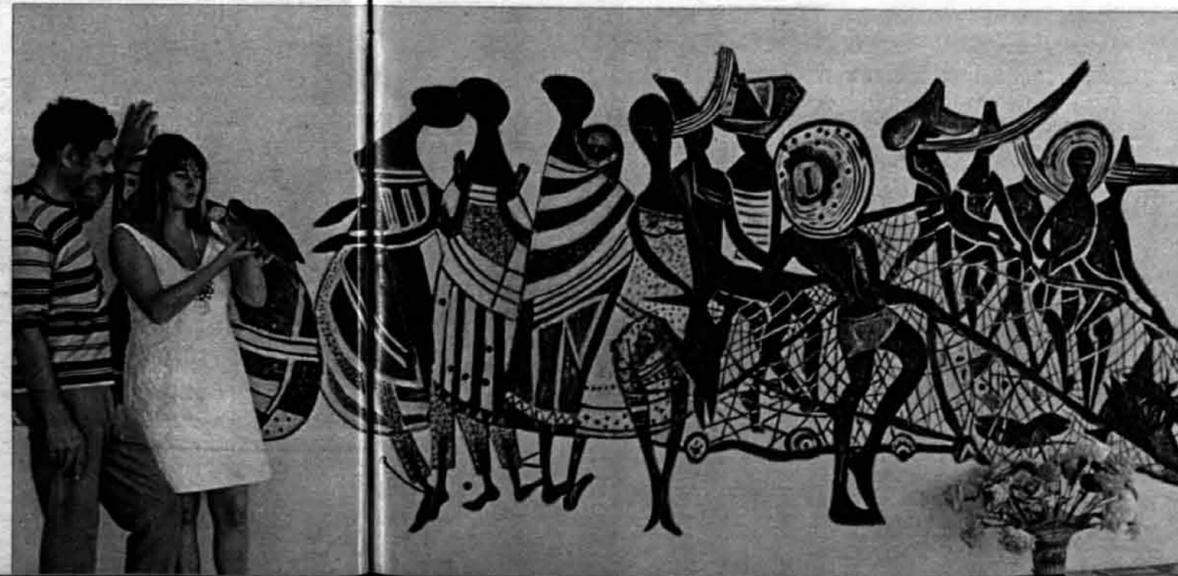
Dinâmicas, modernas, alegres, elas também sabem improvisar destíles de elegância antes do banho de mar, favorecidas pela sua própria beleza e pela paisagem inimitável das praias.



Ao alto, Caribé, nascido na Argentina mas cidadão baiano, famoso pelas suas cenas de candomblé retratadas com a precisão e a simplicidade de um grande conhecedor do assunto. Ao lado, Hansen-Bahia e sua mulher Ilse junto a um mural.



A Bahia deve a Jorge Amado uma divulgação que poucos autores deram à sua terra natal. Traduzido em 30 idiomas, é mantém-se fiel à língua falada na cidade que, por gosto, voltou a habitar.

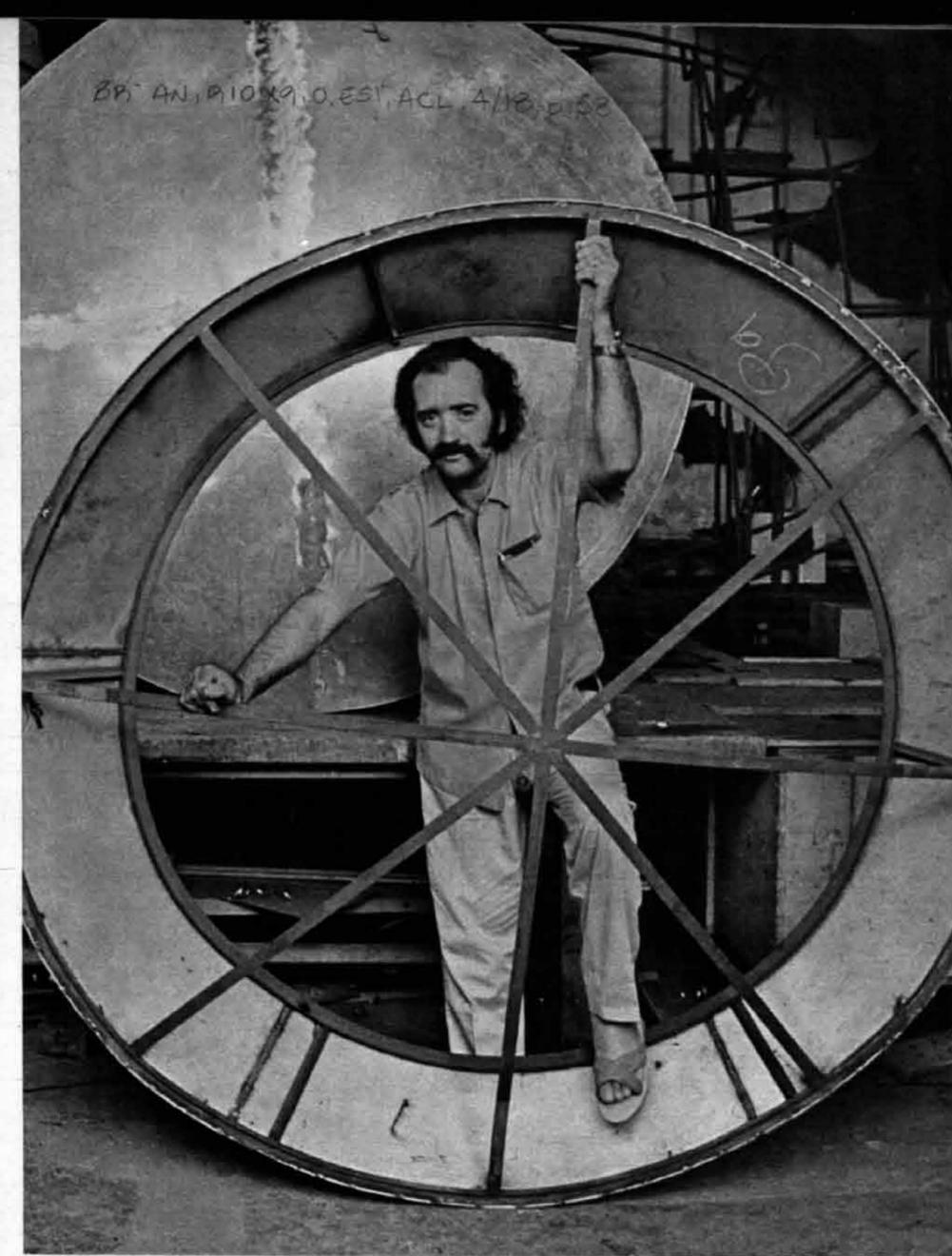


Numa terra tão orgulhosa dos seus feitos, arte e artistas se sucedem há gerações

Já é tempo de visitar os artistas plásticos. De ir à casa de Mário Cravo, admirar o trabalho de nosso grande escultor, o maior que o Brasil já produziu. De visitar Caribé, olhar seus desenhos. De bater palmas na porta de Mirabeau Sampaio. De esquecer que Jenner Augusto é sergipano e comprar um quadro seu. De demorar-se em casa de Genaro, criador da arte da tapeçaria baiana. De considerar a obra de Presciliano Silva. De Calazans Neto e José Maria, De Santis, Agnaldo, Willy, João Alves, Rafael.



Genaro de Carvalho, o tapeceiro, é hoje um dos nomes mais prestigiados entre os artistas plásticos baianos. Embalxo, Jenner Augusto, igualmente



Mário Cravo Jr., o escultor, prestigiado e popular: todos os choferes de táxi sabem onde ele mora.

BR AN, RIO X9, O.ESI, ACL. 4/18, p. 57



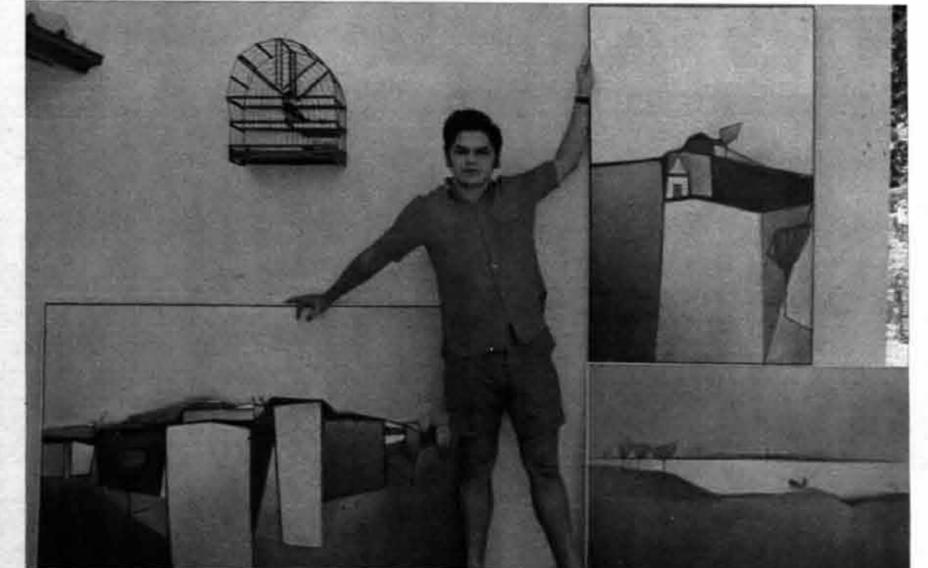
Floriano Teixeira ilustrou Dona Flor, de Jorge Amado.

Pintores, desenhistas e escultores, todos refletem o ambiente enérgico em que vivem

Nós todos vos levaremos das despedidas da Bahia, viajantes, nós todos te iremos despedir, môça! Virão os pais-de-santo, os ogãs e as iaôs, os capoeiristas e os mestres de berimbau, os capitães da areia atrevidos e intrépidos, os moradores da Estrada da Liberdade e da Cidade de Palha, os homens dos cortiços do Pelourinho. Os saveiros sairão pelo mar afora, as velas sôltas ao vento. Do forte velho se elevará a voz do soldado aposentado cantando uma valsa antiga. As filhas-de-santo bailarão e cantarão em nagô. O malandro do cais, o poeta do Mercado, o canoeiro de Água dos Meninos formarão um trio, e, em tua honra, em honra dos teus companheiros, cantarão uma canção de Calmi.



lamoso nos melhores círculos de arte do país.



Fernando Coelho é, certamente, entre os jovens artistas, o nome de mais rápida ascensão na Bahia.